



## SEÇÃO: ESTUDOS BAKHTINIANOS CONTEMPORÂNEOS

# A identidade na vida e a identidade na arte: um panorama identitário nas obras de Bakhtin

*Identity in life and identity in art: an identity panorama in Bakhtin's works*

*Identidad en la vida e identidad en el arte: un panorama de la identidad en las obras de Bakhtin*

**Juan dos Santos Silva<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-9075-8071](https://orcid.org/0000-0002-9075-8071)  
[juanflorencio@gmail.com](mailto:juanflorencio@gmail.com)

**Maria da Penha Casado Alves<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-1762-5210](https://orcid.org/0000-0003-1762-5210)  
[penhalves@msn.com](mailto:penhalves@msn.com)

**Recebido em:** 26 abr. 2021.

**Aprovado em:** 9 ago. 2021.

**Publicado em:** 10 fev. 2022.

**Resumo:** Este trabalho se propôs a investigar possibilidades interpretativas da categoria identidade a partir de pressupostos afins construídos pelo Círculo de Bakhtin, materializados em teorias como cronotopo (2018), alteridade (2011) e corpo (1987). Uma vez na Linguística Aplicada, esta pesquisa considera que os sujeitos estão situados em determinado tempo e espaço e, portanto, produzem práticas discursivas situadas. Assim, a abordagem linguística é fundamental para a construção e compreensão das identidades, porquanto sua matéria-prima é, justamente, a linguagem, seja ela corporificada na vida seja na arte. Desse modo, além das obras bakhtinianas, nos valem de considerações tecidas por Volóchinov (2019) e Medviédev (2016) que fundamentam a afirmação anterior e justificam a relação entre o mundo da vida e o mundo da arte, uma vez que os estudos de Bakhtin tomam como objeto a literatura e, ainda assim, esses encontram aplicabilidade e materialidade para além do literário. Nesse sentido, evidenciamos primeiro como a identidade se arquiteta a partir das condições materiais fornecidas pelo tempo e pelo espaço, o que o autor denomina cronotopo, e em seguida observamos como as categorias da alteridade e corpo contribuem para formular uma ideia de construção identitária pela linguagem. Enfim, problematizamos como essas questões estão refratadas no mundo da vida e como essa teoria é responsiva a muitas problemáticas contemporâneas. Ao final da análise, ficou evidente que os estudos do Círculo acerca da identidade fornecem a abertura para novas questões e modos de pensar essa categoria. Além disso, partindo desses postulados, torna-se evidente não só a possibilidade de oxigenação da teoria, mas a percepção de sua valiosa atualidade.

**Palavras-chave:** Identidade. Alteridade. Círculo de Bakhtin.

**Abstract:** This research aims to carry out an analysis of interpretative possibilities of the identity category from similar assumptions built by the Bakhtin Circle, materialized in theories such as chronotope (2018), alterity (2011) and body (1987). Once in Applied Linguistics, this research considers that subjects are situated in a certain time and space and, therefore, produce situated discursive practices. Thus, the linguistic approach is fundamental for the construction and understanding of identities, as its raw material is, precisely, language, whether it is embodied in life or in art. Thus, in addition to Bakhtinian works, we draw on considerations woven by Volochinov (2019) and Medvedev (2016) that support the previous statement and justify the relationship between the world of life and the world of art, since Bakhtin's studies they take literature as their object and, even so, they find applicability and materiality beyond the literary. In this sense, we will first show how identity is constructed from the material conditions provided by time and space, which the author calls chronotope, and then we will observe how the categories of alterity and body contribute to formulating an idea of identity construction through language. Finally, we will discuss how these issues are refracted in the world of life and how this theory is responsive to many contemporary issues. At the end of the analysis, it was evident that the Circle's studies on identity provide an opening for new questions and ways of thinking



<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.

about this category. Furthermore, starting from these postulates, it becomes evident not only the possibility of oxygenating the theory, but also the perception of its valuable relevance.

**Keywords:** Identity. Alterity. Bakhtin circle.

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo investigar las posibilidades interpretativas de la categoría de identidad a partir de supuestos similares construidos por el Círculo de Bakhtin, materializados en teorías como el cronotopo (2018), la alteridad (2011) y el cuerpo (1987). Una vez en Lingüística Aplicada, esta investigación considera que los sujetos se sitúan en un tiempo y espacio determinados y, por tanto, producen prácticas discursivas situadas. Así, el enfoque lingüístico es fundamental para la construcción y comprensión de identidades, ya que su materia prima es, precisamente, el lenguaje, ya sea encarnado en la vida o en el arte. Así, además de las obras bakhtinianas, nos basamos en consideraciones tejidas por Volochinov (2019) y Medvedev (2016) que apoyan la afirmación anterior y justifican la relación entre el mundo de la vida y el mundo del arte, ya que los estudios de Bakhtin toman la literatura como su objeto y, aun así, encuentran aplicabilidad y materialidad más allá de lo literario. En este sentido, primero mostraremos cómo se construye la identidad a partir de las condiciones materiales que brindan el tiempo y el espacio, lo que el autor denomina cronotopo, y luego observaremos cómo las categorías de alteridad y cuerpo contribuyen a formular una idea de construcción identitaria, a través del lenguaje. Finalmente, discutiremos cómo estos temas se refractan en el mundo de la vida y cómo esta teoría responde a muchos temas contemporáneos. Al final del análisis, se evidenció que los estudios del Círculo sobre identidad brindan una apertura a nuevas preguntas y formas de pensar sobre esta categoría. Además, a partir de estos postulados, se evidencia no solo la posibilidad de oxigenar la teoría, sino también la percepción de su valiosa relevancia.

**Palabras clave:** Identidad. Alteridad. Círculo de Bakhtin.

## Introdução

O avanço crescente do processo de globalização e a circulação amplificada de sujeitos e informações evidenciaram, ao longo do tempo, lacunas acerca do que era considerado comum ou normal. Isso porque as sociedades foram expostas a "um abuso universalista das culturas ocidentais hegemônicas, que tinham usado, até então, as palavras 'homem', 'cultura' e 'arte' de modo logocêntrico" (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 24). Ou seja, por muito tempo, as reflexões, visões e produções que envolvem esses três campos estiveram à mercê do que grupos hegemônicos imprimiam como suas visões normativas de mundo. Com o passar do tempo, e graças ao desdobramento da globalização, foi possível a afirmação de grupos

até então menosprezados: negros, mulheres, homossexuais, colonizados, transexuais etc. Os movimentos sociais e artísticos passaram a considerar, cada vez mais, essas especificidades, fazendo a cultura assumir aspectos singulares e dando origem ao grande interesse acadêmico atual nos estudos relativos à identidade.

No entanto, antes dos estudos relativos à identidade ganharem força no meio acadêmico, alguns autores, que não vivenciaram o tempo presente, já apontavam para um elo entre a modernidade e o que estaria por vir, expondo elementos do cotidiano, da cultura e da arte que já estavam em processo de mutação e, conseqüentemente, de transfiguração em algo novo. Entre esses teóricos está Bakhtin e o seu Círculo – aqui representado por Volóchinov e Medviédev – responsáveis por realizar apontamos sobre a conexão entre a arte e o mundo da vida e, no caso de Bakhtin, como a identidade – ainda que muitas vezes não use seu termo – é um acordo entre o eu e o outro situados em um dado tempo e espaço.

Assim, objetivamos neste artigo recuperar a ideia de identidade nos escritos bakhtinianos, buscando, assim, caminhos possíveis para uma discussão sobre identidade na Linguística Aplicada, em especial na Análise Dialógica do Discurso, que se ancore nos pilares teórico-metodológicos do Círculo de Bakhtin, sobretudo, com seu embasamento de visão marxista. Além disso, buscamos evidenciar como os postulados do autor ainda são pertinentes no tempo presente, sobretudo em uma época em que as diferenças seguem sendo caçadas por um sistema que busca cada vez mais o homogêneo, o sólido, o convencional.

## O Círculo e a literatura

Em *A palavra na vida e na poesia* (2019), Volóchinov tece críticas a um tipo de análise literária que faz com que "a arte é interpretada como se a sua 'natureza' fosse tão estranha à sociologia quanto a estrutura física ou química do corpo" (2019, p. 111-112). Ou seja, na perspectiva do autor, grande parte dos estudos literários feitos até então, sobretudo os da primeira etapa do formalismo russo, tratavam a arte como desco-

nectada da realidade e como se não houvesse uma ponte entre o que se conhece como o mundo da vida e o mundo da arte. Apartadas, sem um elo que gestasse os dois mundos, a arte estava repartida em um mundo próprio em que as outras ciências tinham dificuldade de penetrar. Assim, na concepção de Volóchinov, a alternativa para esse processo de isolamento do estudo das artes seria um método sociológico, capaz de recuperar essa ligação entre a literatura e o mundo cotidiano e reconhecer nas narrativas elementos ideológicos.<sup>2</sup> Enquanto nas ciências naturais os fenômenos podem ser vistos à parte da ideologia, já que envolvem processos que ocorrem sem a interferência do homem, a arte, por outro lado, é imaginada, criada e gestada por uma necessidade humana. Por isso, imaginá-la como desvinculada do mundo social e de suas ideologias é ocultar muito de suas camadas.

A arte é imanentemente social: o meio social extra-artístico, ao influenciá-la de fora, encontra nela uma imediata resposta interior. Nesse caso, não é o alheio que age sobre o alheio, mas uma formação social sobre a outra. O estético, o jurídico e o cognitivo são apenas diferentes espécies do social e, por conseguinte, a teoria da arte pode ser apenas uma sociologia da arte. Não resta a ela nenhuma tarefa "imanente" (VOLÓCHINOV, 2019, p. 113).

Evidencia-se, então, a partir do que assevera o teórico, o fato de que a arte não pode, nesse ponto de vista, ser vista como apartada das questões sociais porque é justamente nesse emaranhado de práticas sociais e no embate da arena discursiva que a arte nasce. Isto é, a linguagem que constrói a arte não é apenas uma combinação de palavras, imagens ou técnicas, mas uma série de vozes, discursos, posicionamentos, intenções e arranjos discursivos valorados e intencionais. Nessa mesma linha de raciocínio, Medviédev (2016), afirmar que

[...] a literatura insere-se na realidade ideológica circundante como sua parte independente e ocupa nela um lugar especial sob a forma de obras verbais organizadas de determinado modo e com uma estrutura específica própria apenas a elas. Ela, como qualquer estrutura

ideológica, refrata à sua maneira a existência socioeconômica em formação. Porém, ao mesmo tempo, a literatura, em seu "conteúdo" reflete e refrata as reflexões e as refrações de outras esferas ideológicas (ética, cognitiva, doutrinas políticas, e assim por diante), ou seja, a literatura reflete, em seu 'conteúdo' a totalidade desse horizonte ideológico, do qual ela é uma parte (MEDVIÉDEV, 2016, p. 59-60).

De acordo com o que postula Medviédev, é perceptível que a literatura, a exemplo das outras obras de arte, é um elemento ideológico e, por meio da linguagem, consegue representar diversas situações, cotidianos e embates do mundo da vida. É lógico que a literatura e o mundo da vida são espaços em que as vozes sociais são materializadas de formas distintas. No entanto, ambos são construídos socialmente por meio da linguagem, e é justamente essa capacidade de refração, ou seja, de a partir da combinação das palavras construir mais do que meros enunciados, mas realidades ideológicas em meios diferentes, fazendo com que as ideologias se tornem visíveis em diversas realidades, desde que seja a linguagem a matéria-prima destas. Assim, a partir das ideias dos dois pensadores do Círculo, justifica-se a razoabilidade de Bakhtin ao escolher a literatura como objeto de observação para suas reflexões sobre os embates discursivos. Nas páginas das obras literárias, o teórico via mais do que personagens, um autor absolutista e um leitor desavisado. Bakhtin via/ouvia, nesse circuito, vozes, escolhas discursivas e embates. Uma arena discursiva. Logo, muitas de suas teorias ganham materialidade tanto no terreno da vida quanto no terreno artístico, afinal, a palavra ideológica, seu maior objeto de análise, constrói ambos os mundos.

Portanto, ao se debruçar sobre as reflexões de Bakhtin sobre identidade, não é ousadia comparar os postulados encontrados com muitas das problemáticas envolvendo questões identitárias no mundo da vida. Esse é um processo natural, dado que a literatura, na verdade, reflete e refrata os processos do cotidiano, inclusive, os que envolvem a identidade. Assim, evidenciaremos,

<sup>2</sup> Para o Círculo de Bakhtin, ideologia não aparece em seu sentido clássico (MARX; ENGELS, 2007; ALTHUSSER, 1985; CHAUÍ, 1997) ao longo das obras. Ou seja, aquele cunhado pelo marxismo como discurso opressor da classe dominante. Ao invés disso, a ideologia é compreendida como posicionamento, visão de mundo, como tudo aquilo que é axiológico aos sujeitos.

primeiro, como a identidade se materializa a partir das condições materiais fornecidas pelo tempo e pelo espaço, o que o autor denomina cronotopo e, em seguida, observaremos como as categorias da alteridade e corpo contribuem para formular uma ideia de construção identitária pela linguagem. Por fim, problematizaremos como essas questões estão refratadas no mundo da vida a partir de um viés marxista e como essa teoria é responsiva a muitas problemáticas contemporâneas.

### Cronotopo e identidade

Na concepção bakhtiniana (2018), cronotopo é uma categoria responsável por evidenciar a relação tempo-espaço que fornece as condições básicas para a construção dos enunciados no mundo da vida e da arte, isto é, são as condições materiais dadas pelo tempo em que se vive e o espaço que se ocupa para que se possa construir determinados enunciados. Essa categoria é essencial para o desenvolvimento das cenas na arte – seja na literatura, seja no cinema – uma vez que ela é o centro da concretização figurativa, fazendo com que os enunciados e as imagens não sejam meros construtos desconectados da realidade, mas adquiram valor ao orbitarem em um cronotopo, no qual se enchem de “carne e sangue” (BAKHTIN, 1987) e, portanto, iniciam seu caráter imagético no mundo da arte, já que tais enunciados, mais do que falas, discursos ou imagens estão constituídos de valor. Desse modo, essa categoria pode ser entendida para além de um simples plano de fundo ou contexto, compreendendo-se a fundamental relação entre espaço e tempo em que um ser (ou personagem) está situado, de modo a, combinado aos enunciados que forma, compilar ações valoradas, situadas e relacionadas a um determinado tempo que corre e um espaço que se ocupa.

Da mesma forma, evidencia-se que essa mesma categoria que acontece na arte, também ganha realce no mundo da vida. O cronotopo não é um mero contexto no qual estão situados sujeitos em processo de interação. Essa interligação entre o tempo (cronos) e espaço (topos) produz, na realidade, as condições de interação,

de construção de linguagem e de possibilidades de ser, conseqüentemente, as possibilidades de construção de identidade. É justamente no estudo do cronotopo que Bakhtin demonstra uma notável preocupação com a identidade. Ao se debruçar sobre diversos gêneros da literatura ao longo de sua história, o teórico percebe desde as narrativas gregas até os romances de Goethe, drásticas mudanças na forma como as personagens circulam pelas tramas literárias. Nesse sentido, ora essas personagens vivem em um mundo em que as interações com outros sujeitos e os encontros, muitas vezes fantásticos, não alteram em nada quem são, apenas confirmam o que se era no início; ora essas personagens estão em tramas nas quais o diálogo com os outros e a circulação por diversos ambientes opera mudanças que, paulatinamente, transformam suas visões do mundo, dos outros e, sobretudo, sobre si mesmas.

Assim, Bakhtin inicia seus estudos pelos romances gregos. Nesse gênero, o autor percebe algumas recorrências como o fato de os heróis terem relações inabaláveis, ou seja, a noção de si, a noção dos outros, o amor que se sente pela pessoa amada, a relação com a casa e todo outro tipo de relação que se tece entre o eu heroico e o mundo ao seu redor, ou consigo mesmo, são inoxidáveis e invariáveis ao longo da trama. No decorrer das aventuras que vive, o herói apenas reafirma tudo aquilo que sempre soube. O foco da trama é a aventura, o herói não é agente de sua própria história, mas apenas um peão de uma aventura cheia de armadilhas, surpresas, emoções e surpresas, até que finalmente vença tudo isso e volte a calma experimentada no momento inicial da narrativa.

Nesse tempo nada muda: o mundo permanece o mesmo; em termos biográficos, a vida dos heróis também não muda, seus pensamentos permanecem igualmente inalterados, nesse tempo tampouco as pessoas envelhecem. Esse tempo vazio não deixa vestígio em lugar algum, nenhum sinal conservado do seu curso. Trata-se, repetimos, de um hiato extratemporal, surgido entre dois momentos de uma série temporal real, neste caso, da série biográfica (BAKHTIN, 2018, p. 31).

Seguindo a lógica apontada por Bakhtin, esse tempo do romance grego parece não atravessar

efetivamente as personagens e deixar marcas de sua passagem. Da mesma forma, apesar de se locomover por diversos passos, os quais, em tese, resguardam culturas, valores, sujeitos com características específicas e eventos capazes de interagir e marcar esse herói, ele percorre esses locais e cruza com as pessoas como se nenhuma relação pudesse ser tecida além do mero encontro e da mera passagem. Esse espaço parece superficial, plano, sem dimensões mais complexas que tragam exatamente o valor ideológico deste. Portanto, tempo e espaço não propiciam eventividade à narrativa. Tudo o que acontece é para manter o ritmo fluido da aventura, apenas ela delimita as possibilidades e a identidade das personagens, que não são construídas pelo herói, mas por forças sobrenaturais que fogem ao seu domínio. O destino do herói define quem ele é e a sua jornada apenas vai confirmar isso. Desse modo, toda a narrativa vai confluir para uma súbita causalidade que inserirá o herói em constantes desencontros e problemas até que, finalmente, alcance o seu destino, seja feliz, seja triste.

Ao longo de seus estudos sobre a influência do cronotopo dos gêneros literários,<sup>3</sup> Bakhtin (2018) vai percebendo algumas mudanças que, aos poucos, oferecem mais liberdade de penetração das forças ideológicas nas tramas e, conseqüentemente, promovem maiores possibilidades de construções discursivas nas relações entre os heróis, o mundo que os cerca e o tempo que corre entre seus corpos. Isso ganha maior repercussão quando o olhar de Bakhtin repousa sobre os romances de Goethe, conhecidos ao longo do tempo como *Bildungsroman*, ou romance de formação.

Nesse tipo de romance, as personagens não possuem identidades fixas, mas parecem estar sempre em construção ao longo do tempo transcorrido na trama em decorrência das experiências vividas. Essa hipótese é reforçada por outro ponto elencado por Bakhtin (2018) que diz respeito ao

fato desse crescimento genuíno significar, também, que os processos de edificação identitária podem ser explicados pela atuação de forças impessoais – as forças verbo-ideológicas, por exemplo –,<sup>4</sup> e não por leis causais mecânicas, nem por qualquer razão determinista. Fica evidente, então, a formação das identidades dos sujeitos a partir de um processo de interação do "eu" com o mundo, no qual o resultado dessas interações molda sua estrutura identitária. Não é mais uma profecia ou um destino do qual não se pode fugir que constroem a identidade do herói, mas o seu constante embate interior com as vozes que chegam de fora do início até o fim da narrativa. Seu processo identitário é, portanto, inacabado. Não cabe à narrativa revelar algo que sempre está ali, mas revelar uma efetiva metamorfose de um herói que se deixa mudar a partir das transformações que o tempo e o espaço lhe proporcionam ao longo da sua jornada.

Logo, o herói parece empreender um processo de inacabamento, no qual à medida que passeia pelo mundo e encontra outros, vai ganhando modificações no seu modo de ver o mundo, conhecendo o diferente e, enfim, transformando-se em algo novo. É preciso reconhecer esse novo tipo de herói como historicizado, genuíno e, sobretudo, como participante de um complexo circuito de interação que molda sua vivência e questões axiológicas. Isso quer dizer que "o homem se constitui como heterocronotópico, uma vez que diferentes imagens de si são reveladas nos diferentes cronotopos que lhe são constituintes e que são construídos por ele" (CASADO ALVES, 2012, p. 313). Dessa maneira, para além da literatura, é possível compreender que os sujeitos se revelam a partir das diferentes situações de interação, as quais estão situadas espaço-temporalmente. Entender as ações e formações de linguagem dos seres requer, portanto, um olhar cuidadoso para o recorte espaço-temporal no

<sup>3</sup> O autor investiga diversos gêneros fazendo uma espécie de mapeamento de diversos tipos de cronotopo, passando por gêneros como o romance grego, o romance de cavalaria, obras folclóricas, a obra de Rabelais e, finalmente, as obras de Goethe, pertencentes ao gênero *Bildungsroman*.

<sup>4</sup> As forças verbo-ideológicas são constituídas pelas forças de contenção (centrípetas) e de dispersão (centrifugas) que atuam sobre a língua a fim de manter e transformar a sua unidade (BAKHTIN, 2015). Da mesma forma, essas forças atuam no mundo da vida no sentido de operar mudanças ideológicas sobre determinados artefatos discursivos ou mantê-las como já são.

qual estão situados, a fim de compreender, de forma mais pungente, as superestruturas que estão edificadas nessa identidade aparente revelada por meio da linguagem. Essa representação do homem na literatura é, na realidade, a refração de um processo de enxergar o homem na própria sociedade, na qual as velhas formas de identidades massificadas, nacionalistas ou previsíveis, já não davam conta das complexas construções discursivas e, conseqüentemente, identitárias. Sobretudo porque, na época do *Bildungsroman*, a nobreza enfrentava o seu declínio, deixando velhas organizações sociais para trás e propiciando aos sujeitos ocuparem espaços e posições que, até então, não eram permitidas por uma ausência de mobilidade social. Para o próprio Bakhtin, essa capacidade de criação de novos cronotopos são resultados da

[...] destruição e da ruptura da concepção idílica do mundo e de sua psicologia, inadequadas ao novo mundo capitalista. [...] Representa-se nas condições de um centro capitalista, a ruptura de um ideologismo provinciano ou de uma provinciana exaltação romântica das personagens, que de modo algum são idealizadas; tampouco se idealiza o mundo capitalista: desvelam-se a sua inumanidade, a destruição que traz consigo de quaisquer fundamentos morais (constituídos em fases anteriores de desenvolvimento), a desintegração (sob influência do dinheiro) de todas as antigas relações humanas – do amor, da família, da amizade, a degeneração do trabalho criativo do cientista, do artista etc. O homem positivo do mundo idílico torna-se ridículo, desprezível e desnecessário, destrói-se ou se reeduca e se torna um abutre egoísta (BAKHTIN, 2018, p. 205-206).

Portanto, seguindo a lógica que assevera Bakhtin, o mundo do romance é penetrado pelas questões do sistema capitalista, no qual essa visão de sujeito idealizado, pré-determinado e, sobretudo, definitivamente acabado já não faz sentido. A complexidade do meio social é refratada para o texto literário e nele é possível enxergar diversas problemáticas do mundo da vida e do sistema que, de forma cronotópica, define as possibilidades dos sujeitos de ser, viver, agrupar, interagir e construir linguagem. Logo, os embates dessa arena discursiva também serão os embates representados no palco da arte. Quanto mais o mundo dos homens se complexifica, mais as

narrativas dos heróis ficcionais também ganham profundidade e mais tridimensionalidade no que diz respeito à construção do tempo, do espaço e da identidade. Assim, essa relação entre tempo e espaço é fundamental não só para entender as possibilidades de criação artística, mas para compreender a dinâmica da realidade construída pelo capitalismo por meio da linguagem. Antes de compreender como o cronotopo dos tempos atuais dialoga com a construção identitária no presente, é preciso evidenciar o grande responsável pela interação, pelo inacabamento e pela capacidade de diálogo com o tempo e o espaço em que se vive: a alteridade.

### Alteridade e identidade

É importante compreender que Bakhtin (2011 2017 2019) empreendeu diversos estudos sobre a alteridade, sendo essa sua categoria de destaque no que diz respeito à relação entre os sujeitos no mundo da linguagem. No entanto, esses estudos possuem uma íntima relação com a identidade, sendo possível estabelecer diversos paralelos entre ambas.

Portanto, seguindo esse panorama, para o teórico russo a alteridade se baseia na materialidade de um outro que é reconhecido pelo eu. Entre ambos, relações de linguagem se estabelecem em decorrência do dialogismo, o que não quer dizer literalmente diálogo no sentido de réplicas, mas de dialógico, troca de verdades, intenções, olhares, silêncio e demais demonstrações discursivas preenchidas de valor. Na literatura, as personagens materializam as relações de alteridade ao se colocar no lugar do outro – as outras personagens –, abdicando momentaneamente do seu corpo – sem abandonar sua consciência –, e possuindo o corpo do outro, vendo o mundo pelo seu olhar, sentindo como o outro sente e agindo a partir de um corpo que não lhe pertence (BAKHTIN, 2011). Essa capacidade de contemplar um horizonte que não o seu próprio, permite que as personagens, ao longo das narrativas que habitam, transformem-se na medida em que encontram novos sujeitos, novas culturas, novas verdades. É precisamente o processo citado na seção anterior ao abordar o cronotopo dos roman-

ces mais modernos, em que o herói já não mais estava fadado a seguir uma jornada acabada e sem possibilidades múltiplas de desfecho. Seu destino é incerto, não são profecias e destinos inabaláveis que regem sua vida, mas uma gama de possibilidades a serem seguidas e que, não necessariamente, vão ao encontro dos caminhos esperados pelas verdades de seu tempo. O mesmo fenômeno acontece no mundo da vida, onde sujeitos encarnados encontram outros sujeitos constituídos de identidades próprias, ideologias, valores e verdades singulares. Na troca de olhares, diálogos, carícias ou de indiferença, relações são tecidas e dão acabamento a esses sujeitos participantes desse circuito. Assim, parece que as interações se dão em um complexo circuito entre um eu e um outro ou outros.

Bakhtin (2017) denomina esse circuito de arquitetônica. Essa concepção se baseia nas relações entre os sujeitos por três óticas distintas: eu-para-mim, outro-para-mim e eu-para-outro. Ao pensar sobre as próprias necessidades, o sujeito constrói um horizonte de apreciação no qual tece observações e conclusões em uma relação eu-para-mim. Quando alguém observa esse "eu", consegue definir diversos aspectos sobre ele, mesmo em uma situação que não troquem qualquer tipo de diálogo entre si, tudo isso graças aos sentidos apreendidos a partir da contemplação por uma ótica outro-para-mim. E, por último, quando um "eu" contempla um outro, constrói sentidos e pode construir enunciados por meio dessa contemplação seguindo uma ótica eu-para-outro. Assim, a compreensão do mundo e a construção das verdades individuais se dão nesse circuito arquitetônico em que o eu depende do outro para dar acabamento ao mundo. Ou seja, os sujeitos constroem coesão para o mundo e sua organização a partir da observação dos outros, pelas suas trocas com o outro, por meio dos seus embates com o outro. "O homem tem uma necessidade estética absoluta do outro" (BAKHTIN, 2011, p. 33), porque só o outro é capaz de fornecer acabamento para um eu em constante processo

de construção. Assim, o eu sempre vai ao lugar do outro e vice-versa na tentativa de, depois, em movimento do eu comigo mesmo, compreender melhor o mundo e a si mesmo. Ainda, é preciso compreender que esse outro não necessariamente significa outro sujeito, mas pode ser um outro situação, um outro verdade, um outro instituição ou qualquer elemento ideológico que exista para além dos domínios do eu.

Esse movimento de vivenciar o mundo pela perspectiva do outro nada mais é do que a exotopia, categoria bakhtiniana que consiste no movimento de partir de um lugar singular (a minha própria consciência) em direção ao mundo do outro, o qual não consigo penetrar,<sup>5</sup> mas consigo contemplar seu corpo por inteiro, observar os discursos que carrega e estabelecer valor em relação a ele (BAKHTIN, 2011). Isso é o movimento exotópico, a capacidade do eu de se mover em direção ao outro e observar o mundo a partir de uma perspectiva alheia. É importante frisar, ainda, que esse movimento exotópico compreende dois movimentos essenciais: o de ida e o de volta. Afinal, o eu parte em direção ao outro, mas ele precisa retornar para si. Esse circuito exotópico efetiva a alteridade na medida em que o sujeito contempla o mundo pelo olhar do outro, apreende novos sentidos a partir disso e volta para si no final, momento em que sua própria consciência sofre alteração (BAKHTIN, 2011).

Ao pensar em alteração decorrente desse movimento exotópico, devemos pensar em uma outra categoria bakhtiniana: o excedente de visão. Para o teórico russo, o excedente de visão "é condicionado pela singularidade e pela insubstituibilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim" (BAKHTIN, 2011, p. 21). Ao voltar para si, o sujeito traz novas compreensões de mundo a partir da interação que realizou com o outro. Essas novas compreensões, novos sentidos e diferentes construtos provocados pelo outro se materializam na consciência do eu em

<sup>5</sup> A consciência do outro não é penetrável no mundo da vida pela alteridade, mas isso é possível na literatura, em que a depender da forma de narração temos acesso à consciência das personagens, o que amplia ainda mais essa relação com o outro.

forma de excedente, informação nova que ultrapassa os seus limites até então estabelecidos. É exatamente esse excedente decorrente das interações de alteridade que constrói sujeitos inacabados, constantemente em processo de construção identitária, uma vez que por mais que o eu tente construir uma identidade acabada e bem delineada para si mesmo, os discursos e avaliações do outro sempre vão invadir seu corpo e consciência, dando inacabamento a esse processo constitutivo (BAKHTIN, 2011). Assim, o eu é formado pelo acabamento que dá a si mesmo e por aquele que chega de fora, formado pelos outros em direção a ele. Nessa negociação, constrói-se o acabamento do sujeito, a sua identidade.

Nessa lógica, a materialização da interação pela arquitetônica bakhtiniana se dá por meio de uma prática de linguagem, pelo arranjo dos discursos em falas, sermões, olhares, cartas e outras formas de organizar o discurso para que ele chegue a um outro ou a si mesmo. Seja a mera observação do outro ou do eu, ou o diálogo propriamente dito, seja verbal seja oral, independentemente da ótica, essa organização discursiva recebe o nome de ato ético. Sobre o ato ético, Bakhtin teoriza que

[...] cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir. Tal pensamento, enquanto ato, forma um todo integral: tanto o seu conteúdo-sentido quanto o fato de sua presença em minha consciência real de um ser humano singular, precisamente determinado e em condições determinadas – ou seja, toda a historicidade concreta de sua realização – estes dois momentos, portanto, seja o do sentido, seja o histórico-individual (factual), são dois momentos unitários inseparáveis na valoração deste pensamento como meu ato responsável (BAKHTIN, 2017, p. 44).

Logo, é evidente que as ações dos sujeitos se materializam e trazem consigo a totalidade do ato

ético, ou seja, suas ações não refletem apenas o momento presente em que tais ações partem do mundo das ideias para o espaço concreto, antes, revelam axiologicamente o seu produtor. Logo, o ato ético é o elo responsivo que liga o homem ao enunciado que ele produz. Mais do que combinações de palavras, seus enunciados revelam posicionamento, escolha, identidade. Ou seja, o ato ético é a forma com a qual o homem age discursivamente sobre o mundo. Essa lógica evidencia a filiação do pensamento bakhtiniano ao marxismo – não de forma exclusiva, já que o autor também dialoga com outros paradigmas filosóficos –, uma vez que revela uma filosofia do ato ético em que o sujeito age como ser singular, inserido em determinado local (caráter material), tendo como plano de fundo um determinado contexto (caráter histórico) que, em diálogo (caráter dialético) com o mundo, constrói e dá uma unidade possível ao ser, caracterizando, assim, o materialismo histórico-dialético. Posto nesse paradigma, o sujeito tem a capacidade de produzir enunciados concretos, os quais não possuem alibi, são responsivos e estão ligados a um devir-ato-responsável.<sup>6</sup> Seus atos exprimem mais do que intenções, revelam identidade, intenções e valor, ou seja, ideologia.

Assim, o movimento da alteridade para Bakhtin evidencia como, em decorrência da linguagem, os sujeitos constroem a realidade em que vivem. É por meio da linguagem que é criada uma superestrutura capaz de dar o tom da organização social, responsável, inclusive, por construir as possibilidades de ser e agir sobre o mundo em determinado tempo ou espaço. É pela linguagem, também, que a alteridade se materializa entre os sujeitos e lhes permite construir seus mundos a partir do movimento exotópico. E, por fim, é por meio do ato ético que os sujeitos emanam para o mundo suas intenções, vontades, desejos e valores. Ora, são justamente esses atos que definem e caracterizam as identidades. Os sujeitos apenas desconfiam sobre o que são, pois é na interação com outros que eles ganham conclusibilidade

<sup>6</sup> O ato ético não surge do nada, mas está ligado à realidade imediata do sujeito, a sua intenção discursiva e ao destinatário da sua produção. Assim, bem como no devir kantiano, essas práticas revelam o inacabamento do sujeito que, à medida que cresce e muda, produz variados discursos e percepções de mundo.

para si mesmos e se afirmam socialmente. A identidade, então, compreendida sob esse ponto de vista, é o elo coesivo dos atos éticos que constituem um todo discursivo. Esse elo não nasce pronto, é construído no processo de alteridade e segue inacabado até a morte do sujeito, quando já não pode mais construir enunciados. É preciso lembrar que não se tem acesso visível a esse processo subjetivo da construção identitária dos outros. Apenas o eu tem acesso a esse embate consigo mesmo. No entanto, os traços identitários estão marcados no corpo que protege esse eu. Os corpos são casulos identitários sempre em eminente eclosão de algo desconhecido.

### Corpo e identidade

Ao longo dos estudos bakhtinianos, em especial no seu estudo sobre Rabelais (1987), seja sobre o cronotopo (2018) de suas obras seja no próprio processo de carnavalização,<sup>7</sup> o teórico russo dedicou muito da sua produção ao estudo de uma categoria muito simbólica quando o assunto é a identidade: o corpo. Mais do que um mero construto biológico, o corpo sustenta a envergadura do sujeito e propicia, em termos naturais, a capacidade de produção de linguagem. Para além disso, o corpo não passa impune pelo processo ideológico, uma vez que sobre esse corpo se tatuam valores e traços identitários dos sujeitos que o constituem.

A cor da pele, o tipo de cabelo, as escolhas de roupas, os olhares, o tom da voz, o jeito de andar e diversos aspectos promovidos pelo corpo não são meros atos mecânicos, mas guiados por cordas ideológicas que simbolizam posicionamentos de um eu que são percebidos por um outro. Os textos literários de Rabelais chamaram a atenção de Bakhtin (1987), entre outras razões, pelos corpos que circulam por ela, uma vez que fogem dos modelos esperados da literatura da época. Assim, o teórico percebe a construção de corpos que destacam os desejos do homem: a fome, o sexo, a escatologia e outros aspectos apagados do espaço literário até então (BAKH-

TIN, 1987). O objetivo dessa construção não é a ojeriza pelo corpo, mas a sua apresentação como constantemente ligada ao mundo e a outros corpos, evidenciando não só valores sociais como a brevidade do tempo e o caráter mutável das verdades sociais. Esses corpos estranhos, grotescos para Bakhtin, formam a capacidade de "liberar o homem das formas de necessidade inumana em que se baseiam as ideias dominantes sobre o relativo e limitado" (BAKHTIN, 1987, p. 43). Se as representações literárias até então apresentavam heróis higienizados e sustentavam padrões há muito estabelecidos, o herói de Rabelais rompe com isso não só com seu corpo, mas com suas ações e valores que rompem com a tradição, inovam seu momento e fornece um horizonte futuro em que novas formas de representação, de herói e de identidade podem se materializar. Logicamente, após Rabelais muitas obras mantiveram diversos aspectos higienistas, mas a desordem causada pelo autor abriu caminho para que novas subversões pudessem se estabelecer em paralelo com os textos mais conservadores.

Nesse sentido, é possível afirmar que o corpo é o exoesqueleto da identidade. Os embates sobre o que se é, a concordância ou não com as verdades do mundo e os conflitos com os outros se materializam, em grande parte, no subjetivismo dos sujeitos. Obviamente, o eu só tem acesso a sua própria subjetividade. O que acontece internamente no outro não temos acesso, apenas podemos imaginar, justamente, pelo que observamos: seu corpo e sua produção discursiva. O corpo protege esse núcleo identitário e é regido por ele, sofrendo mutações e transformações na medida em que o processo identitário ganha acabamento na interação entre o eu e o outro.

Na categoria do eu, minha imagem externa não pode ser vivenciada como um valor que me engloba e me acaba, ela só pode ser assim vivenciada na categoria do outro, e eu preciso me colocar a mim mesmo sob essa categoria para me ver como elemento de um mundo exterior plástico-pictural e único. [...] nesse sentido, pode-se dizer que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro,

<sup>7</sup> Como pode ser visto, respectivamente, nas obras *Teoria do romance III – As formas do tempo e do cronotopo* (2018) e *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1987).

do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria; a memória estética é produtiva, cria pela primeira vez o homem exterior em um novo plano de existência (BAKHTIN, 2015, p. 33).

Assim, a partir do que assegura Bakhtin, o corpo é dado essencial para o outro. Haja vista que o eu não pode contemplar totalmente a si mesmo, isso cabe ao outro. E é justamente as respostas desse outro ao que esse eu parece ser e demonstra, que dá acabamento possível, sempre provisório, a esse sujeito, ao seu corpo e a sua identidade. Ou seja, o eu vivencia diversos conflitos subjetivos que o outro não tem acesso e é justamente essa incapacidade de observar esses conflitos que promovem a capacidade do outro observar o eu com mais clareza e unidade, transferindo assim, para esse eu, uma imagem mais estável de quem ele é. Daí a urgência do outro. A suposta unidade interna do eu só pode ser dada pelo olhar do outro. Dessa maneira, esse olhar se dá pela manifestação identitária que ecoa do corpo e das ações dos sujeitos, as quais materializam-se de forma "verbivocovisual" (PAULA; LUCIANO, 2020), ou seja, pelo que o sujeito produz com a língua verbalizada (verbo), fala e como fala (voco) e representa imagetivamente pelo seu corpo (visual). Assim, a identidade adquire um aspecto tridimensional, diferente daquele aspecto plano visto no cronotopo dos romances gregos.

Finalmente, entender a identidade como tridimensional é compreender que o sujeito não é capaz de simplesmente dizer aquilo que é. Na realidade, são os outros que constroem essa imagem de quem esse eu é. Isso não acontece do nada, mas do contato com esse eu que revela suas formas de falar, suas escolhas lexicais, seu sotaque, o tom de sua voz, o estilo de suas roupas, as formas de observar o mundo e diversas outras formas de manifestação discursivas sobre o mundo que, em conjunto, ganham envergadura de uma ou mais identidades que, atribuídas a um sujeito, construirão um ser singular e enquadrado em determinado espectro social. Como já discutido na seção sobre o cronotopo, é exatamente a complexidade das sociedades ao longo do tempo

que permitem essa complexificação das relações e, conseqüentemente, da identidade. Dessa forma, as categorias bakhtinianas ganham sentido nos tempos atuais graças a sua percepção de eminente mudança e inventividade dos sujeitos, capazes de (re)inventar realidades e construtos até então vistos como invariáveis. Ter pensado para além de seu tempo, faz com que as observações feitas a seguir tornem as contribuições de Bakhtin para a identidade extremamente pertinentes.

### A (re)construção de uma teoria identitária em Bakhtin

Após as discussões tecidas até então, é de se imaginar o grande empreendimento que seria imaginar um cronotopo que desse conta de situar todos os sujeitos do mundo em suas múltiplas singularidades. De fato, essa missão é muito difícil e beira a impossibilidade, exatamente pela capacidade dos sujeitos de se constituírem como únicos, de serem atravessados de formas particulares pelo tempo-espaco que os cruzam e, sobretudo, pela multiplicidade de culturas e formas de ser que moldam esses sujeitos. Certamente, a visão mais coerente seria assumir o que o próprio Bakhtin fez durante seus estudos dessa categoria, entender que no romance há a possibilidade de entrecruzamento de diversos cronotopos, assim, da mesma maneira, o mesmo procedimento ocorre no mundo. Nenhum sujeito tem as mesmas condições e possibilidades de construir suas identidades e suas jornadas, é o entrecruzamento de cronotopos de sua jornada real que definirá suas possibilidades.

Apesar disso, é evidente que algumas questões temporais e espaciais alcançam uma maioria esmagadora de sujeitos. Por exemplo, a globalização tem aproximado diversas culturas e economias, fazendo com que diversas sociedades que até então se bastavam em seu processo de sobrevivência, passem a depender de forma grandiosa da interação com outras. Logicamente, os efeitos da globalização chegam de forma distintas para grupos distintos. Uns mais ao norte se beneficiam mais dos frutos desse fenômeno, outros, mais ao sul, recebem o que sobra. Mais do que prover uma interação

entre países e culturas diferentes, a globalização lança a humanidade em um sistema em que o consumo, a vida em rede e o trabalho dão o tom da vida, moldando condições financeiras, sociais e, conseqüentemente, possibilidades de ser. Apesar das singularidades de cada ser, o mundo segue mergulhado no cronotopo da modernidade, em que o grande vetor central é o capitalismo, o qual persiste ao longo do tempo, se metamorfoseando e se adaptando aos novos tempos que surgem.

Para Milton Santos (2002), nós estamos diante de uma globalização perversa, na qual a urgência do dinheiro e da informação está ligada e promove a tirania.

[...] ambas, juntas, fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e, ao mesmo tempo, buscam conformar segundo um novo *ethos* as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas (2002, p. 37)

Nessa linha de pensamento, a competitividade fomentada pelo sistema capitalista torna-se a fonte de diversos conflitos e totalitarismos, os quais são aceitos de forma facilitada, tendo em vista a instalação dessa lógica de competitividade e consumo como uma prática estrutural que já não causa estranhamento aos cidadãos.

Por esse prisma, é perceptível a visão de uma globalização que vai além da pintura de um fenômeno de avanço tecnológico e facilitação da vida dos cidadãos. Antes, essa globalização é percebida como um novo construto de práticas técnicas que moldam o fazer operário em caráter universal nas sociedades capitalistas, a fim de que, enquanto os operários giram as engrenagens do sistema com seu trabalho, façam girar as engrenagens do capitalismo com o consumo. Nesse sentido, a globalização não veicula apenas um grande fluxo de informações, mas também um grande fluxo de estruturas tecnocráticas<sup>8</sup> responsáveis por articular o funcionamento do corpo sistêmico do capital. Para que essa demanda seja respondida positivamente, modelos de produção de sujeito são construídos, homogeneizando seres que, em

uma cosmovisão, têm a oferecer para o sistema nada mais do que a sua própria força de trabalho.

Em sua definição clássica dos gêneros discursivos, Bakhtin (2011) afirma que estes são tipos relativamente estáveis de enunciados. Parafraseando o teórico, é possível perceber que os sistemas econômicos também elaboram os seus tipos relativamente estáveis de sujeito, os protótipos que melhor servirão a sua manutenção e perpetuação. Cria-se, assim, um modelo tecnocrático no qual as esteiras de produção passam a produzir, inclusive, tipos de sujeitos. O discurso das instituições é que propaga como grande modelo essa versão padrão, pela veiculação de seus discursos dominantes. É possível dizer que, no entanto, diversas corrosões nesse sistema têm acontecido nos últimos anos, sobretudo, no que se refere a essa massificação da sociedade, a qual tem sido substituída por uma cultura de nichos, em que ao invés de uma grande massa de pessoas indiferenciadas há diversos grupos com questões, valores e características específicas. Isso não significa que há relações de harmonia e boas trocas entre esses nichos, na realidade, entre muitos há um grande embate, especificamente, entre aqueles que socialmente são vistos como dominantes, já que se sentem lesados pela ascensão de identidades que até então eram invisibilizadas socialmente.

Nesse sentido, as relações de alteridade tecidas entre os sujeitos nessa modernidade configuram a arena discursiva bakhtiniana, em que o constante embate de forças centripetas e centrifugas esgarçam o tecido social que tenta definir o que é certo e errado, mas, ao invés de se sobrepôr como verdade absoluta, torna-se cada vez mais uma negociação constante entre os sujeitos. Logo, o embate entre os discursos oficiais que tentam sustentar o discurso dominante (centrípeto) tenta apagar a legitimidade do discurso que propõe a novidade (centrífugo), metamorfoseando esses "rebeldes" em destoantes, grotescos ou monstros. Se eles não seguem à risca o que se tem como correto, então são

<sup>8</sup> O termo faz referência a uma série de medidas e pensamentos que partem da superestrutura com a intenção de manter o funcionamento de sistema, neste caso do capitalismo e das técnicas de produção que o sustentam.

sujeitos que precisam de correção. Portanto, precisam ser marcados como diferentes para que sofram por serem assim e busquem uma adequação. A sociedade contemporânea produz os seus seres grotescos, ou monstros, porque os

[...] grupos precisam manter seus membros unidos dentro de fronteiras e proteger-se contra os inimigos externos. A harmonia interna depende de uma percepção coletiva da realidade, sinalizando àqueles que a compartilham que 'as coisas são assim' e não de outra maneira e 'é assim que fazemos as coisas por aqui'. Qualquer transgressão das fronteiras ou limites estabelecidos pelo grupo, quer sejam abstratos ou concretos, causa desconforto e requer que o mundo retorne ao estado considerado certo. O monstro é um artifício para rotular as infrações desses limites sociais (JEHA, 2009, p. 19).

Assim, na condição de corpo grotesco e monstruoso, os sujeitos destoantes das normas estão em constante alerta e sob a vigia ininterrupta daqueles que zelam pela ordem do discurso monológico<sup>9</sup> que ronda os espaços sociais. A alienação discutida pelo marxismo (MARX; ENGELS, 2007; VOLÓCHINOV, 2017) está direcionada ao operário que não percebia o quanto seus chefes os exploravam e lucravam em cima do seu trabalho mal remunerado e feito com as mínimas condições possíveis. Hoje, a alienação alça voos ainda maiores adentrando a casa desses sujeitos e contaminando seus valores de forma ainda mais vertical, de modo a criar, com o auxílio dos componentes da infraestrutura, valores em nome dos quais esses sujeitos vão em uma caça às bruxas, eliminando – por vezes no sentido literal da palavra – tudo aquilo que é diferente e foge do modelo do exército de iguais a que pertencem. À medida que a alteridade é transformada não em um vetor de interação para a troca efetiva de verdade, mas em um mecanismo de anulação do outro, fortalecem-se os mecanismos de expulsão do outro, em que a busca desenfreada pela ascensão socioeconômica e pela afirmação de si mesmo como portador de uma determinada identidade mais valorizada, faz com que o próprio sujeito se auto explore e viole a integridade alheia em nome de um ideal de vida estabelecido pelo sistema.

Nessa jornada infundável não há lugar para o outro, há lugar apenas para a auto exploração e o consumo desenfreado. Por esse paradigma, o homem segue sendo um estranho para o mundo e para si mesmo, já que o produto do seu trabalho não é o que ele é, mas apenas um produto a ser explorado. Nesse ritmo, os iguais se multiplicam e as pequenas diferenças só são aceitas quando não apresentam riscos à estabilidade da infraestrutura. Se "a função do grotesco é liberar o homem das formas de necessidade inumana em que se baseia a ideia dominante sobre o mundo" (BAKHTIN, 1987, p. 43), então permitir o livre trânsito desses sujeitos grotescos pela sociedade é dar a possibilidade de que, em meio às interações entre iguais e grotescos, formem-se novas possibilidades de vida, e nesse momento, os modelos dominantes correm perigo.

Foi justamente a expansão cada vez mais crescente desses sujeitos que fogem ao modelo padrão do capitalismo que propiciou desde o final do século XX um movimento de afirmação de múltiplas identidades. Afinal de contas, mais do que sujeitos capacitados para o trabalho, esses indivíduos também precisam seguir as cartilhas ideológicas da religião, do clã, da cultura local e de outros vetores da infraestrutura, sendo uma situação cada vez mais insustentável se submeter ao padrão do capital. Nesse sentido, os movimentos de negros, de mulheres, de colonizados, de transexuais e muitos outros passam a se organizar e (re)categorizar o que até então era percebido apenas como uma grande massa que se voltava contra as normas do sistema. Esse movimento permite articulações mais direcionadas e, sobretudo, realçam a singularidade das identidades sociais.

Assim, esse paradigma culminou não só em lutas mais articuladas com fins específicos, mas uma resposta mais imediata para esses grupos, que com o passar do tempo viram a cultura representá-los com mais frequência e mais fidedignidade nos filmes, obras literárias, televisão e outros meios. Além de poderem circular com mais naturalidade no meio social e

<sup>9</sup> Aquele discurso que permite apenas uma verdade e não abre espaço para a sua contrapartida, ou seja, não é dialógico.

poderem, enfim, contar a própria história. Assim como Bakhtin (2018) percebeu em sua época as tensões sociais na literatura, o mesmo processo pode ser percebido atualmente, ao perceber as mutações da literatura deste século, em que essas questões culturais e identitárias ganham uma grande importância nas temáticas literárias (PERRONE-MOISÉS, 2016). Essa ascensão de histórias de sujeitos tidos como grotescos ampliam as relações de alteridade dos sujeitos que, cada vez mais conseguem ter acesso a esse outro tão diferente e compreendê-lo, ora promovendo um excedente de visão capaz de gerar a empatia; ora produzindo um excedente tão singular que faz com que esse eu perceba que ele é igual a esse outro. Logicamente, o resultado desse excedente também pode ser negativo, fazendo o eu ter ojeriza a esse outro que não se alinha a sua visão de mundo e se torna o outro a ser desqualificado e/ou morto tanto simbólica quanto fisicamente.

Assim, na medida em que a força desses grupos se materializa no meio social como centrífuga e permite mudanças substanciais na sociedade, os grupos dominantes respondem a ela de forma centrípeta, se amparando nos discursos religiosos e patriarcais para questionar o espaço conquistado por esses grupos e tentar fazer com que retornem para às margens que estavam até então. Assim, parece mais coerente para um sujeito que se encaixa nos modelos tradicionais de identidade construir a si mesmo. Sem incômodos, sem pedaços que soem grotescos ou um olhar que o perceba de forma estranha, é fácil pensar que essa realidade é a de todos. Sem se colocar no lugar do outro, sem um olhar exotópico e um excedente de visão a partir da contemplação de quem é grotesco socialmente, é construída uma falsa simetria com o mundo que imagina que todos são iguais e que qualquer pessoa que diga o contrário está se vitimizando. A arte pode ser a salvadora nesses momentos, apresentando condições de um sujeito se encontrar a partir do encontro do outro ficcional. Mas também pode

apresentar para o sujeito um outro que não coaduna com ele, criando, assim, um alvo.

Nesse sentido, essa discussão é importante para que se compreenda a relação indissolúvel do discurso com a relação que se dá entre superestrutura e infraestrutura<sup>10</sup> e, conseqüentemente, como a formação identitária é dependente dessa lógica. Em termos de arte, o sistema se apropria até dela, lucrando com essa aparição de grupos minoritários e fazendo surgir uma imagem de apoio que, nas entrelinhas, não é tão liberal assim.

Demandas de liberdade criadora que se chocam contra os processos de racionalização e os controles exercidos pelas firmas sobre as narrações, roteiros, scripts, design e casting, tendo em vista assegurar maior sucesso comercial e maiores lucros. As empresas têm de atrair os talentos e estimular a inovação, mas, ao mesmo tempo, a fim de diminuir os riscos, elas se empenham em frear as criações audaciosas, em reproduzir as fórmulas que "dão certo" mais facilmente. As lógicas financeiras e organizacionais podem assim vir a contrariar a criatividade que devem, por outro lado, imperativamente favorecer: essa é uma das contradições do sistema que faz que as empresas do capitalismo artista possam apresentar graus de criatividade bem diferentes, conforme seu modo de organização e os momentos (LIPOVETSKY, 2015, p. 17).

É perceptível, a partir da abordagem de Lipovetsky, que mesmo com os avanços dessa modernidade tardia que o autor denomina de hipermodernidade, caracterizada pela metamorfose que hibridiza elementos antigos e novos em um novo sistema que, apesar de novo, tenta manter o controle sobre os sujeitos, que mesmo a arte representando determinadas minorias, essa representação tem limites. Essa representação e espaço não pode oferecer riscos à manutenção do sistema. Assim, se nosso interesse é estudar a formação identitária, os sujeitos que coadunam com o pensamento capitalista possuem muito a nos dizer, afinal, revelam como funciona essa esteira de produção do sistema. No entanto, um estudo mais rico pode ser feito com esses sujeitos que estão às margens. Marcados e transformados em monstros pela sociedade, assim como

<sup>10</sup> A infraestrutura, no sistema capitalista, diz respeito aos meios e às relações de produção. São, em outras palavras, os mecanismos essenciais para a manutenção dos sistemas. Por outro lado, a superestrutura diz respeito às vertentes sociais que contribuirão para a manutenção do sistema, como o Estado, as leis, a arte, a mídia, a educação e diversos outros.

os corpos "anormais" de Rabelais, esses sujeitos carregam as marcas dos embates com as forças dominantes e revelam como assumir identidades é, acima de tudo: uma constante negociação entre o que, como e quando se pode assumir quem se é.

Nesse sentido, podemos definir a identidade, a partir da concepção bakhtiniana, como o elo coesivo que conecta a sucessão de atos éticos assumidos por um sujeito e que constroem uma imagem coerente de si para si mesmo e para os outros. Porém, essa coerência é fluida e inacabada, visto que o sujeito atua no e sobre o mundo até além de sua morte, desde que seja lembrado. Portanto, essa identidade não deve ser vista como estável, mas como inacabada. Assim, a partir dos discursos que o sujeito assume, e do ponto de vista do outro sobre esse elo que vai se costurando no corpo do outro, a identidade vai ganhando coesão na arena discursiva.

Logo, um estudo identitário que relaciona dialógicamente Bakhtin ao seu referencial deve ter por princípio a observação do tempo, do espaço e do sistema que rege esses dois e como eles produzem vetores de contenção e dispersão sobre a construção identitária. Bakhtin pode não ter dado acabamento teórico para uma noção do que é identidade para ele, mas ele forneceu os caminhos para como compreender essa formação de maneira situada, singular e em cotejamento dialógico com a realidade social. Como foi abordado, nos limites deste artigo, é a linguagem que constrói a subjetividade em que os embates identitários do eu acontecem; também é por ela que o outro observa esse eu e atribui características para ele e, por fim, é por ela que os sujeitos tatuam seus corpos e os dos outros com múltiplos sentidos. Assim, um estudo da identidade que ignora o papel central dos estudos da linguagem, e como a arquitetônica do eu e do outro a constrói, ignora a matéria-prima desse construto.

### Considerações inacabadas

A partir das considerações de Volóchinov e Medviédev, foi possível perceber que a empreitada do Círculo se preocupa com o estudo da linguagem e seu vínculo essencial com o mundo social.

Desconectado deste, o estudo da linguagem é um estudo meramente da estrutura que ignora de onde pulsam suas principais questões e possibilidades de construção e de modificação: o homem em seu meio social. Da mesma forma, Bakhtin compreende que a literatura está em constante processo de refração do mundo da vida e analisa as personagens do romance como referência para o homem da vida, aludindo, a partir do ser ficcional, a diversas categorias que explicam processos de construção de linguagem que elucidam as relações de interação, de alteridade e de formação de identidade. Assim, o Círculo não se debruça sobre abstrações para tratar a linguagem, mas a aborda em uso aplicado, em seu vínculo direto com o meio social e suas observações ganham enquadramento tanto na arte quanto na vida.

Dessa maneira, categorias como o cronotopo, a identidade, a alteridade, o corpo grotesco e muitas outras não mencionadas neste artigo estão na obra de Bakhtin situadas no universo literário, mas ganham materialidade no mundo da vida. O estudo de Bakhtin nos fornece categorias abertas e em processo de inacabamento, com um mundo vasto e cheio de possibilidades e complexidades discursivas, é dever ético do pesquisador bakhtiano abraçar essas categorias e alargá-las para objetos que, infelizmente, o teórico não teve acesso. Ao propor o encontro dessas teorias com objetos oriundos da hipermodernidade, elas não só se mostram responsivas a eles como podem ampliar o entendimento de postulados sobre a identidade com o acréscimo desse viés linguístico.

Sobre isso, ao propor o cotejamento de teorias bakhtinianas com outras teorias ou objetos novos à teoria de Bakhtin, é importante levar em consideração o posicionamento ideológico do Círculo. Amparados no marxismo, o Círculo viu a linguagem como essencialmente social e todos os processos decorrentes da arena discursiva como resultado da luta de classes e do constante processo humano de embate com as ideologias que os cercam. Dessa maneira, uma análise bakhtiniana que ignora esses vieses, que não visualiza a importância do funcionamento da estrutura socioeconômica de um dado tempo para a construção da realidade

ou que considera os sujeitos como livres de responsabilidade sobre aquilo que produzem, como se pudessem assumir identidades provisórias e fragmentadas como se não precisam responder por elas, fere com os princípios básicos do Círculo e confronta uma visão de linguagem que se propõe a ser dialética, histórica e material. Como já dito, a teoria bakhtiniana está à frente do tempo do autor, mas isso não significa livre acesso para conectá-la a qualquer teoria.

Por fim, é imprescindível que essas considerações sejam vistas como inacabadas, pois este artigo contém apenas uma provocação em forma bibliográfica e atualizada da relevância das concepções bakhtinianas para o tempo presente. A partir das discussões, evidencia-se o legado importante que o Círculo deixou para os estudos identitários e sua relevância para a Linguística Aplicada, haja vista a preocupação por problemas em que a linguagem tem papel decisivo e, sobretudo, seu papel ético de buscar compreender e buscar respostas para questões sociais nesses tempos tão complexos e, para muitos, perversos.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Cultura popular na idade média e no renascimento*: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Teoria do romance I: a estilística do romance*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *O homem ao espelho*: apontamentos dos anos 1940. Tradução de Cecília Maculan Adum, Marisol Barenco de Mello e Maria Leticia Miranda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

CASADO ALVES, Maria da Penha. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. *Signótica*, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 305-322, 2012.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. [S. l.: s.n.], 1997.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikolaevich. *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

PAULA, Luciana. de; LUCIANO, José Antônio Rodrigues. Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepção verbivocovisual. *Revista Diálogos*, [S. l.], v. 8, n. 3, set./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039> Acesso em: 10 jan. 2021.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Milton Almeida dos. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. *A palavra na vida e a palavra na poesia*: sobre poética sociológica. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

---

## Juan dos Santos Silva

Doutorando em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEL-UFRN), em Natal, RN, Brasil.

---

## Maria da Penha Casado Alves

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em São Paulo, SP, Brasil; professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, RN, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

Juan dos Santos Silva/ Maria da Penha Casado Alves  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Av. Sen. Salgado Filho, S/n, Prédio do CCHLA, Sala 301  
Lagoa Nova, 59078-970  
Natal, RN, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*